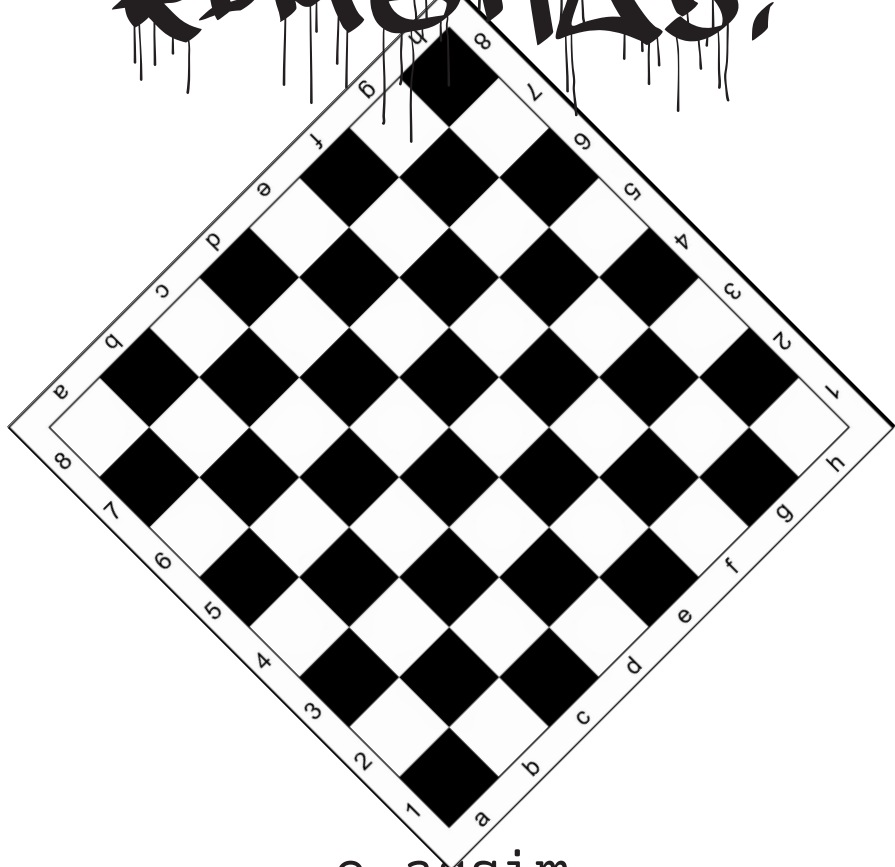


O GATTA FITI
SO
RINBILLO.



e assim
sucessivamente.

Leitura dramatizada, Old School, 22 de Outubro de 2016
Sofia Gonçalves com Crista Alfaiate e Paula Sá Nogueira

rapinar.
surrupiar.
fanar.
abafar.
googlar.
rapar.
gamar.
sacar.
ladroar.
larapiar.
...

■ A) Kasparov foi considerado o melhor jogador de xadrez de todos os tempos.

Mas no currículo, para além da glória das inúmeras vitórias, ficou-lhe também o sabor amargo de uma bizarra derrota. Kasparov foi o primeiro campeão mundial de xadrez a jogar contra um supercomputador – o *Deep Blue* – e perde. Estávamos na graça do ano de 1997.

A batalha da Inteligência Humana vs. Inteligência Artificial ficou envolta em controvérsia. Para o jogador, a IBM queria aproveitar a óbvia mediatização do resultado, para daqui obter a hiper-valorização das suas ações na Bolsa.

Mais tarde confirmou-se que a vitória foi afinal um simples erro. Para que a partida não se tornasse monótona, a programação do *Deep Blue* impedia que o computador entrasse em *loop*: o *supercomputador* faria sempre um movimento válido, independentemente da lógica intrínseca à jogada.

Desta premissa decorre o 44.º movimento da partida – um movimento inesperado, de puro jogador amador.

Kasparov, conhecido por ser capaz de antecipar até 15 jogadas do adversário, ficou abismado com o movimento da máquina, interpretando-o como uma jogada de uma inteligência avançada e superior à sua. A partir deste 44.º movimento, Kasparov mudou por completo a sua forma de jogar.

▲ B) Dedução lógica = prancha de lançamento para a derrota.

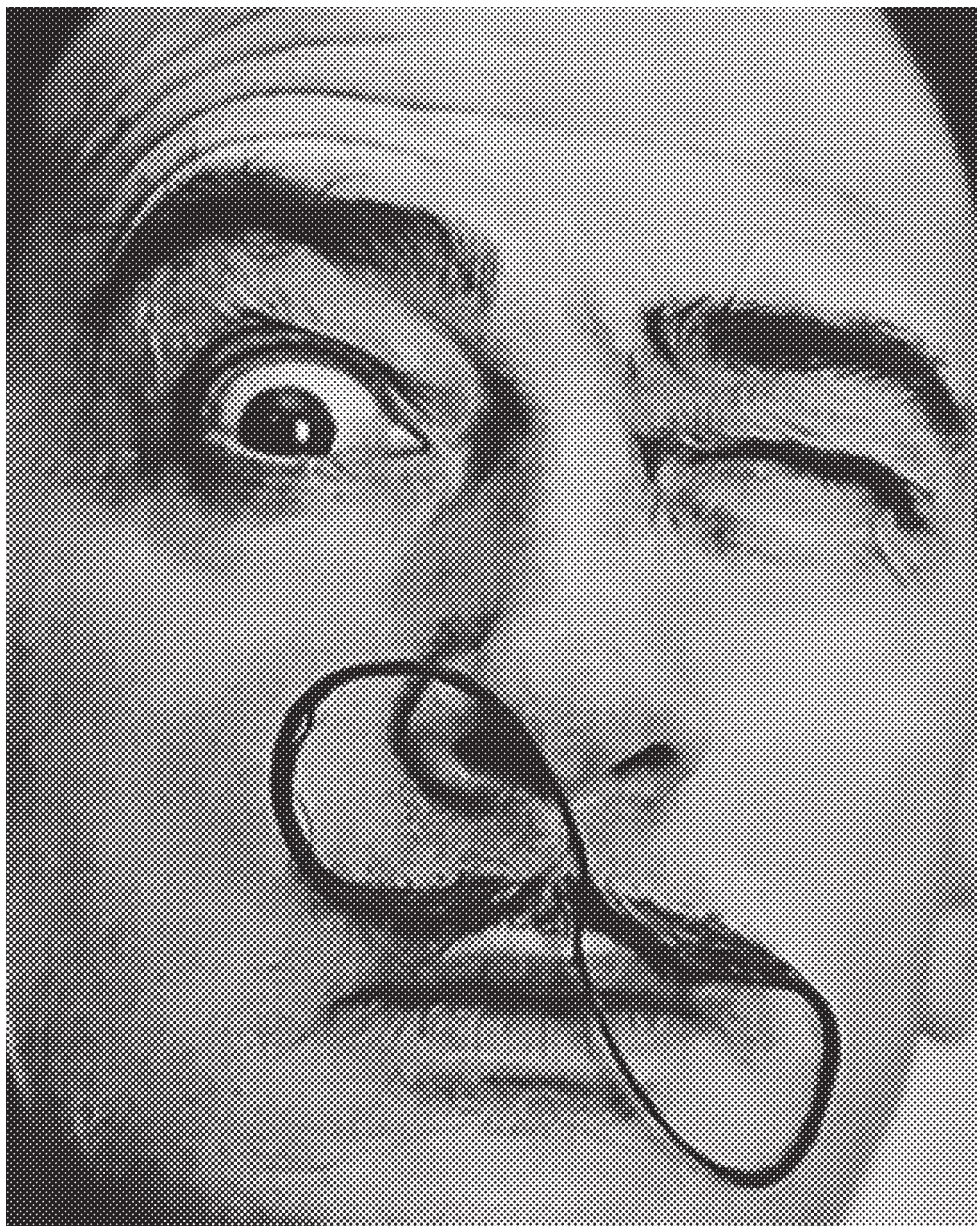
■ A) Dizem as más-línguas que, desta amarga aprendizagem de derrota, nasce o mais temido dos opositores de Putin. Kasparov antecipava até 15 vezes qualquer uma das suas jogadas políticas e ainda era capaz de reconhecer, naturalmente, a reacção mais estúpida do seu adversário.

▲ B) O problema é quando deixamos de jogar pelas regras da democracia. Kasparov é hoje um dos mais famosos exilados políticos. E Putin perpetua o seu jogo, sem fim à vista.

- A) Por falar nisso, sabes jogar xadrez?
- ▲ B) Não. Ou antes, sei, mas ao nível da 44.^a jogada do *Deep Blue*. Tens tanta ambição de vencer para queres jogar com um desastre?
- A) Só sei que hoje esta gente veio aqui com uma ideia fixa, um tra-lá-lá na cabeça: “here we are now, entertain us”.
- ▲ B) OK. Mas eu não sei jogar xadrez. E o xadrez não entretém muito mais que 2 jogadores. Porque é que não fazemos antes um espectáculo de variedades? Literalmente, de variedades. Um exercício de visão periférica ou de estrabismo retórico. Partindo do princípio que assim que começamos a saber alguma coisa, devemos desistir imediatamente, sob pena de transformar um delicioso manjar num tema insosso de um pós-doc. Façamos antes uma ode à miopia intelectual e às ideias desfocadas.
- A) Um concurso de *name-dropping*, de bizarrices ou de curiosidades? É isso que propões?
- ▲ B) Isso mesmo. Porque não? Nem sempre teremos consciência da direcção que as coisas podem vir a tomar, muitas vezes entraremos em ângulos de distorção insuportável dos factos, noutras em zonas de contacto íntimo com personagens, momentos ou eventos.
- A) Quer isto dizer que para os felizes detentores de um *smartphone*, tudo o que aqui se disser pode ir sendo *googlado*...
- ▲ B) ... à medida que os vamos “entretendo”!
- A) À medida que os vamos entretendo, as palavras vão circular entre nós.
- ▲ B) É como Hamlet, o guru das crises existenciais, dizia quando questionado acerca do que lia: *Palavras, palavras, palavras*.
- A) Já o outro dizia: “Parole, parole, parole.”
- B) OK. Mas há que manter um certo ritmo. As pessoas estão aqui para nos ouvir a dizer coisas, no mínimo, sei lá... interessantes. Sei, ou *googlei*, já não sei, que numa conversa, em média, cada interlocução tem cerca de 2 segundos. Cada silêncio entre falas dura apenas 200 milissegundos.
- A) Tempo para proferirmos uma sílaba.

- ▲ B) Os mais cépticos em relação à humanidade afirmam que apenas escutam os outros para ter a oportunidade de dizer alguma coisa. Ou seja, só perguntamos como foi o fim-de-semana para a seguir podermos contar como foi o nosso.
- A) Vamos mazé ao que interessa. Na nossa conversa... esta aqui... tás a ver... tu e eu... como é que passamos o testemunho? Como é que alimentamos o predador de linguagem [rraúuuhhh] que existe em cada um de nós?
- ▲ B) Não faço a mínima ideia. Talvez conversar como quem joga xadrez? Calcular cada jogada, ir comendo as palavras, até levar o adversário à jogada fatal – a ficar sem pio. De cada facto concluímos com uma palavra-passe. O outro apanha-a, dribbla e continua. Se conseguir...
- A) Bora lá. Artificializar aquilo que é mais natural que a sua sede. "Here we are now", entertain M-E-E-E-E...
- ▲ B) Muito bem. Vou dar o meu melhor. Preparada?
- A) Sou toda ouvidos.





Primeira jogada

▲ B) Então escuta... Hunter S. Thomson dactilografou palavra por palavra os romances de Hemingway e Fitzgerald. Desta obsessiva tarefa resultou uma frase original: "Só quero saber o que se sente quando se escrevem aquelas palavras."

■ A) Ai! O prazer que se sente por parecer outro.

▲ B) ... isso é... Fernando Pessoa? Álvaro de Campos, Ricardo Reis? Não o podes negar: toda a gente gosta de poetas. Até José Sócrates fez um elogio a Rimbaud, noticia o *Público* a 10 de Maio de 2014. Podes *googlar*.

Ao contrário de poetas como Rimbaud ninguém quer ser apanhado a gostar de artistas como Dali.

Dali habita uma parte muito significativa das minhas memórias de infância. Os meus pais não tinham viatura particular por isso visitávamos o país em excursões organizadas. O público-alvo destas excursões eram os velhinhos dos Inválidos do Comércio. *Les Invalides du Commerce*, soa melhor, não? Para uma criança de 4 ou 5 anos, fugir, dar de frosques aos beijos dos inválidos era o mais arriscado dos desportos radicais.

Ora nessas excursões viajava também Dali. Mais precisamente o Dali de Lisboa, um personagem mítico talvez à altura do Sr. do Adeus mas que, por ter vivido e morrido na época pré-internet, poucos se recordam.

O Dali de Lisboa era um galanteador. Não havia dia em que não fosse visto com um ramo glorioso de flores nos braços, gamado a um qualquer jardim público. Estava sempre pronto a oferecer um gladiolo, um cravo, um lírio do campo a uma qualquer senhora que lhe passasse pela frente. Bafejado pelos vapores do perfume das flores ou das senhoras, à oferta da flor seguia-se um verso dedicado a cada mulher. Acontece que o homem irritava-me SO-LE-NE-MEN-TE. Tudo isto porque elogiava a beleza da minha mãe em qualquer excursão dos Inválidos do Comércio e vai-não-vai dizia que ia casar com ela. Pensar que a minha mãe poderia trocar o bigode anos 80 do meu pai por aquele bigode fininho, bem aparado, tirava-me do sério.

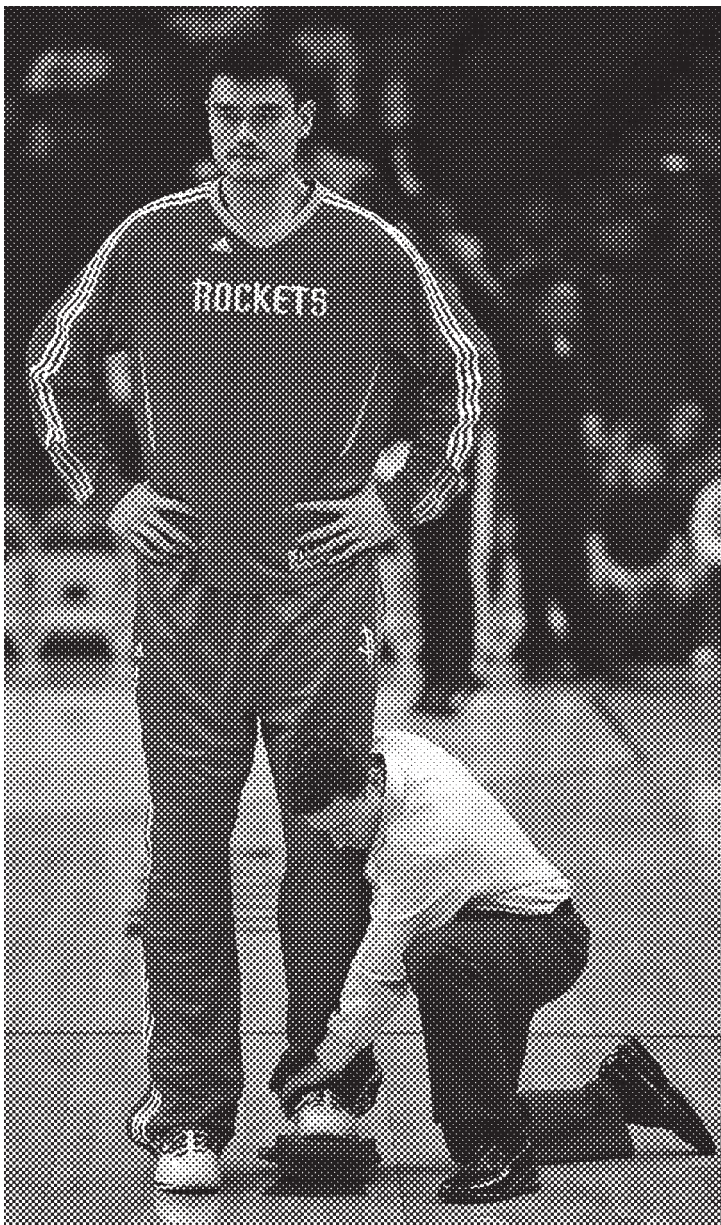
■ A) Já que estás numa de bigodes, ouve lá esta. Em 1915, com o sucesso estrondoso de Charlot, os Estados Unidos da América começam a sofrer de *Chaplinitis*. Bigodes, bengalas, andares estranhos começaram a eclodir por todo o lado. Os concursos de sócias de Charlot eram igualmente populares. Ganhava aquele que conseguisse imitar na perfeição o seu típico andar. Reza a história que Charlie Chaplin decidiu entrar num destes concursos. Ficou em 20.º lugar.

▲ B) Muito bem, bela história... Mas nem pensas que te escapas.

Palavra-passe para a próxima jogada de conversação:

UNS-E-OUTROS.





Uns-e-outros

- A) Ora bem... Uns e outros. Um, uma, Uns. E. Outro, outra, outros, outras. O outro: *tão anos 90...*
- Bom, vamos à história. Em Agosto de 1519, o navegador português Fernão de Magalhães iniciou a primeira viagem à volta do mundo. Vamos a contas de deve e haver: Magalhães comandava cinco navios e 237 homens. Em 1522, no final da viagem, regressou somente um navio. Magalhães já não se encontrava a bordo. Durante a viagem, foi tragicamente morto por nativos das Filipinas. Para salvar a honra desta terrível contabilidade, a História legou-nos as crónicas de António Pigafetta. Desafio-te. Escolhe um local qualquer...
- ▲ B) puf... Patagónia?
- A) Perfeito! Pigafetta esteve lá. E mais! A Patagónia chama-se Patagónia precisamente porque nela atracou Fernão de Magalhães e a sua tripulação. Diz-nos Pigafetta:
- “Transcorreram dois meses sem que víssemos um habitante do país. Um dia, quando menos esperávamos, um homem de figura gigantesca apresentou-se ante nós. Estava sobre a areia, quase nu, e cantava e dançava ao mesmo tempo, enquanto atirava poeira sobre a cabeça. O Capitão enviou à terra um dos nossos marinheiros, com ordem de fazer os mesmos gestos em sinal de paz e amizade, o que foi muito bem compreendido pelo gigante, que se deixou conduzir a uma pequena ilha, onde o capitão havia descido. Eu encontrava-me ali com muitos outros. O gigante deu mostras de grande estranheza ao ver-nos e levantando o dedo parecia querer dizer que acreditava que nós havíamos descido do céu. Este homem era tão grande que as nossas cabeças chegavam apenas à sua cintura.”
- ▲ B) Um gigante é apenas uma pessoa que atinge uma posição elevada na sociedade, certo?
- A) Pantomineira. Diz-nos mais uma vez Pigafetta: “O nosso capitão chamou a este povo de Patagões (ou pata grande).”
- ▲ B) Lembra-te que Fernando de Magalhães era transmuntano.
- A) Estás em alta, tu! Os patagões ou patagães, não sei, podes googlar, mediam cerca de 2,10m. A altura, porém, não os salvou de uma triste sorte: foram completamente aniquilados.
- ▲ B) 2,10m? Mediam portanto mais ou menos como o chinês Yao Ming, a estrela de basquetebol da NBA, que alinhou pelos Houston Rockets. Bom, vamos mazé ao que interessa. É tudo muito bonito e GRAN-DI-O-SO mas até aqui não chegámos a grandes conclusões.

- A) Certo. Perguntas: o que leva alguém a enfiar-se num meio de transporte precário e dar a volta ao mundo? Sem saber se regressa vivo, por exemplo. Se a viagem de Pigafetta não nos levou a lado nenhum, vejamos outra expedição à volta do mundo.
- No séc. XVIII, Bougainville iniciou, a bordo do seu *Etoile*, aquela que ficaria conhecida como a primeira expedição francesa de circunavegação do globo, e a primeira expedição científica ultramarina da França. Bougainville contratou uma grande equipa de cientistas — geólogos, físicos, historiadores, cartógrafos, meteorologistas, botânicos, zoólogos e linguistas. Philibert Commerson estava entre eles.
- Diz-te alguma coisa o nome de Commerson? Queres googlar?
- Ora bem, Philibert Commerson foi um dos primeiros botânicos europeus a aventurar-se numa viagem à volta do mundo. Para o auxiliar nas suas tarefas minuciosas, o cientista fez questão de trazer a bordo Jean Barret.
- Chegados ao Taiti, em Abril de 1768, um ano e meio depois do início da viagem, Jean transformou-se em Jeanne. Tudo porque um taitiano trazido a bordo o/a apontou como uma mulher, desmascarando o disfarce do, afinal da auxiliar.
- O episódio foi reproduzido até à náusea pelos taitianos quando o capitão James Cook chegou às ilhas no ano seguinte. Enquanto os nativos imediatamente perceberam o verdadeiro sexo de Jeanne, os tótós dos europeus nem desconfiaram.
- Jean vai-não-vai é Jeanne. Resultado inusitado desta guerra dos sexos: Jeanne Barret foi a primeira mulher a circunavegar o planeta.

Palavra-passe:

VAI-NÃO-VAI...





vai-não-vai

▲ B) Bom, espera. Essa não é fácil. Vai-não-vai. Vai-não-vai:
uhmm, palavra não flexionada.

Vai-não-vai...

Sim. Sim. Sim. É isso mesmo!

Para atingir a perfeição numa cena de grande intensidade dramática,
reza a história que Otto Preminger ordenou Robert Mitchum
a dar, vezes sem conta, um estalo na cara a Jean Simmons.
Farto dos infundáveis takes, Mitchum dá meia volta, ganha
balanço e aplica um tabefe bem dado a Preminger, perguntando
de seguida: "É assim que queres?"

Preminger, ofendido com tal ousadia, exigiu ao produtor Howard Hughes
que o actor fosse imediatamente despedido. Hughes recusou.
Vai-não-vai, dois anos depois, Mitchum voltou a trabalhar
com Preminger no filme *River of No Return*.

Robert Mitchum tinha dentes belíssimos, mas raramente os mostrava.
Alto, era como uma rocha, sempre firme e hirto, inabalável.
Para uns é um portentoso canastrão. Para mim, Robert Mitchum
é um verdadeiro guru.

Vai-não-vai, resumindo e concluindo, a palavra-passe é...

Ta-ta-ra-ta-ta...

GURU





Guru

■ A) G – U. GU. R – U. GUUUUURU.

Em 1969, Adorno, inadvertidamente, inspirava um grupo de estudantes que organizava manifestações radicais de esquerda.

▲ B) Inadvertidamente? Alguém inspira manifestações radicais de esquerda, inadvertidamente?

■ A) Inadvertidamente. Adorno inspirava mas recusava-se a ser o guru de serviço, ao contrário de Marcuse ou Habermas, sempre prontos a lançar a cartilha da revolução e com isto a figurar na caderneta de cromos Panini 1968 – *Os Gurus das Revoluções*.

Esta recusa de Adorno deixava os estudantes inconformados. Não é fácil sermos rejeitados. Prontamente acusaram-no de “apocalíptico e pessimista”, e de promover uma via teórica que impedia uma prática de intervenção política efectiva.

▲ B) Teorias...

■ A) Na prática, o que irritava Adorno era o carácter propagandístico do movimento, com palavras de ordem e músicas de protesto que, segundo ele, se regiam pela mesma lógica publicitária da indústria cultural.

▲ B) Há sempre uma pedra no sapato em todas as revoluções. Sem sapato corremos o risco de dar um tiro no pé da revolução. As revoluções fazem-se com calçado confortável. Uma bolha num pé pode impedir a mais importante revolução da História. Tenho dito!

■ A) “Lá vem o pessimista de serviço!”, gritavam os estudantes de cada vez que Adorno chegava à faculdade. Por essa mesma altura, Adorno desenvolvia aquele que poderia ser o seu projecto mais optimista.

▲ B) Disseste, poderia ser?...

■ A) Era de facto um projecto optimista – encontrar a teoria que explicasse a “metafísica da queda”.

▲ B) Profundamente optimista, estou a ver.

■ A) A “metafísica da queda” era no fundo uma arqueologia das oportunidades perdidas. Uma procura de experiências singulares impossíveis de serem dominadas pelos conceitos da filosofia, das ideologias e dos poderes.

Mas Adorno perdeu esta oportunidade. Tudo por causa do famoso “Busenattentat”.

- ▲ B) Queres dizer “o assassinato do seio”.
- A) Bravo! Vejo que sabes alemão. Mas não percamos o fio à meada. Na sala onde Adorno leccionava, um conjunto de alunas pertencente ao grupo de radicais de esquerda, retirou as suas camisas exibindo os seus jovens seios. Adorno não era conhecido por ser um homem pudico mas, indignado com tal atitude, saiu imediatamente, encobrindo o seu rosto com a sua pequena pasta de académico. As pastas de académico são normalmente fardos pesados, mas em períodos pré-revolucionários podem transformar-se em escudos poderosos. Na sua última entrevista ao *Der Spiegel* diria:
- ▲ B) “ser submetido ao ridículo de ser atizado por três raparigas fantasiadas de hippies. Achei tudo isto abominável. O efeito hilariante que se consegue com isso, no fundo, não passa da reação do burguesão, com o seu riso néscio quando vê uma rapariguinha com os seios nus”.
- A) 45 anos depois, um conjunto de investigadores afirma que estas tensões entre Adorno e as estudantes podem ter sido a sua causa de morte.
- ▲ B) Mas Adorno já morreu?
- A) Se tens dúvidas, olha *googla* e descobre. Depois do incidente, Adorno suspendeu imediatamente as suas actividades lectivas. Refugiou-se na Suíça com a sua mulher Gretel. Do rebuliço estudantil e tédio das montanhas da Suíça resulta uma depressão e mais tarde um enfarte mortal. A 6 de Agosto de 1969, Adorno morre vítima de um ataque de coração.
- Ou seja: Adorno sobrevive ao apocalipse da II GM, ao suicídio trágico do seu amigo fraternal Walter Benjamin, à emigração forçada, mas não a um conjunto de seios que irromperam pela sua sala de aula. No seu obituário leu-se:
- ▲ B) “Adorno, um dos instigadores da rebelião estudantil - ao lado de Herbert Marcuse e Juergen Habermas”.
- A) Nem na morte Adorno perdeu a oportunidade de verificar mais uma das suas teorias – a superficialidade da linguagem mediática, ansiosa por estereotipar tudo e todos para com isto construir avidamente personagens.
- ▲ B) Sabias que Adorno ficou ainda conhecido por dois apertos de mão politicamente incorrectos? Um, que nunca chegou a acontecer, numa homenagem a um herói de guerra sem braço direito. O segundo...

- A) Conhecês esta citação de Adorno: “Todo o riso está muito próximo do horror que o prepara”?
- Moral da história: foram os seios que mataram Adorno. Mas quantos seios foram precisos para matar Adorno?
- ▲ B) Essa é fácil. Seis. O próprio Adorno o afirmou na sua última entrevista.
- A) Pois bem. Todos sabemos, que com os dias contados, um homem perde o discernimento na contagem dos seios. Nas poucas imagens que registaram o momento, vejo não 3 mas 7 mulheres de seios descobertos. Desconhecem-se os motivos que levaram à obliteração de 4 mulheres e 8 seios, quando sabemos que os media são obcecados pela verificação dos factos.
- Nas mãos destas raparigas vê-se uma única folha. A imagem sugere ainda que pelo menos 6 delas estão a ler em voz alta. Foram estas as suas palavras: “A História não vos contará a verdade desta estória. Somos 7 mulheres e 14 seios. A teoria para uma ‘metafísica da queda’ não se construirá através da filosofia mas da matemática que se impõe no corpo de cada mulher.”

Palavra de ordem,

perdão palavra-passe:

SEIOS





Seios

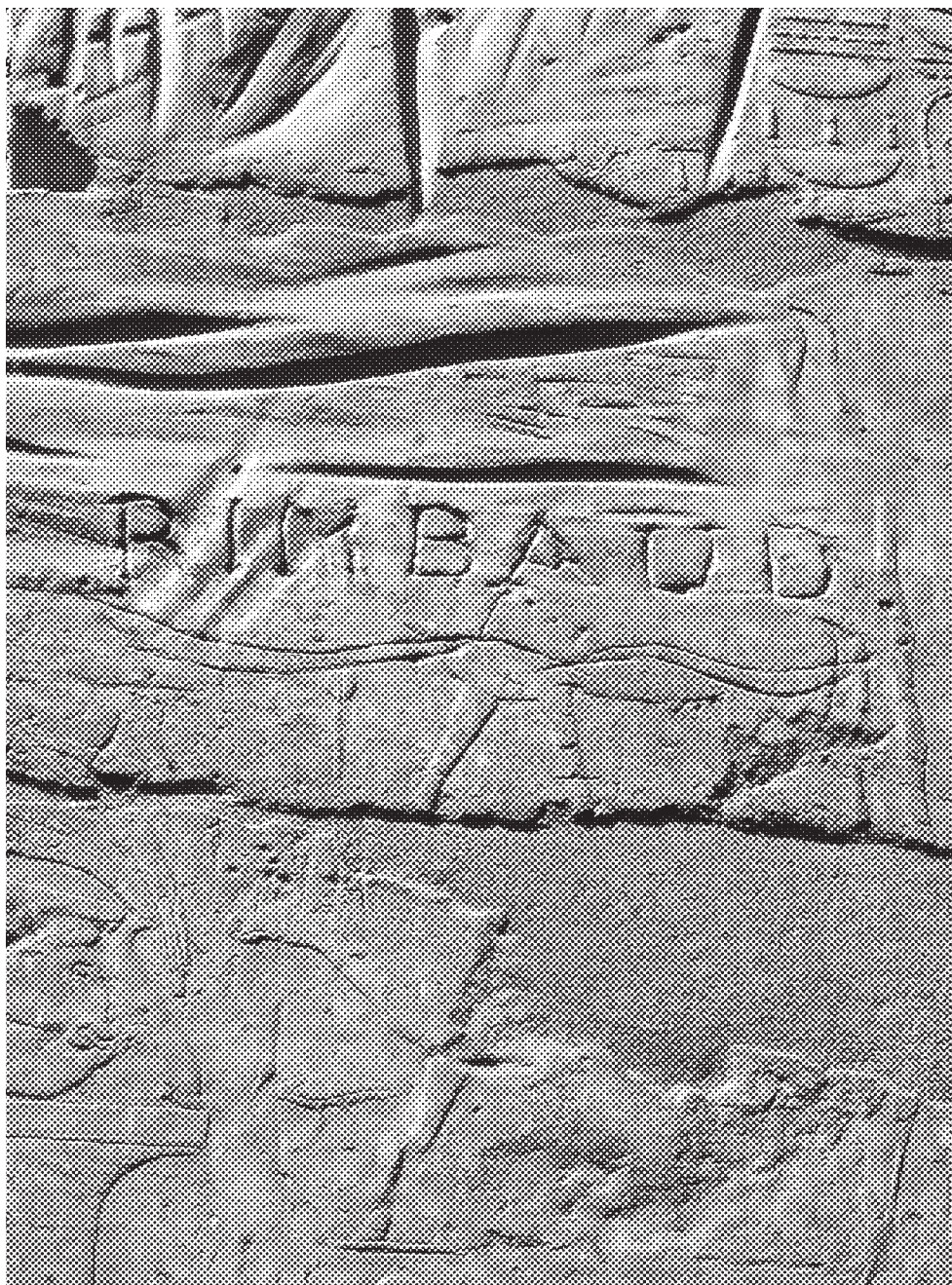
- ▲ B) Seios?!... Só sei que existem sete tipos: redondos, leste-oeste, espaçados, em forma de gota, de pêssego, de sino, assimétricos. Mulheres com os seios de fora... truque baixo de publicitário, forma histórica de protesto feminista... Até aqui, novas fora nada, tudo marcha. Sabias que descobrir os seios enquanto protesto não é atitude exclusiva de feministas?
- Ora ouve-me esta história. Com origem na Rússia, os Freedomites, também conhecidos por Svobodniki ou Filhos da Liberdade, são um grupo radical religioso cristão que derivou dos Doukhobor. Fruto de uma intensa perseguição religiosa nos finais do séc. XIX, são forçados a emigrar para o Canadá, originando a maior vaga de emigração do país.
- A) Não percebo o que é que esta descrição wikipedia pode ter a ver com...
- ▲ B) Os Freedomites valorizavam a vida comunitária, uma doutrina religiosa de êxtase, a recusa do luxo e da violência. São ainda conhecidos pelas suas atitudes anárquicas contra toda e quaisquer regulações externas. Recusavam-se a matricular os seus filhos na escola, a pagar impostos pelas terras, a declarar nascimentos e mortes entre a comunidade, a casar. Morte, vida, união entre os vivos, terra – de tudo isto Deus já tinha conhecimento por antecipação, logo não precisava do Estado como o seu gestor de contas. Em resposta a esta insolência social, o governo do Canadá começou a aplicar pesadas coimas. O que leva alguns dos Doukhobors à radicalização. Surgem assim os Freedomites.
- A) Freedomite, a criptonite da liberdade!
- ▲ B) Outra vez com piadas?! Bom. Os Freedomites começaram a organizar protestos públicos: queimavam todo o seu dinheiro e posses – entre estas, as suas próprias casas. A partir dos anos 50 começaram a fazer explodir propriedade pública: escolas, casas, caminhos de ferro e estações elétricas. Muitos destes ataques eram cometidos por terroristas nus. Desconhece-se o truque ou magia por detrás deste feito.
- A) Continuo sem perceber o que é que tudo isto pode ter a ver com...
- ▲ B) A nudez, como te disse, era uma das suas formas de protesto mais frequentes. Simbolizava uma posição contrária às tendências materialistas da sociedade, à configuração primária de um *status quo*.
- A) Onde é que nos queres levar com esta história?
- ▲ B) Os Freedomites tinham por mentor espiritual Leo Tolstói.

- A) O Tolstói de *Guerra e Paz*?
- ▲ B) E-xac-ta-men-te. As raízes dos Freedomites podem ser encontradas nas ideias de Tolstói que no final da sua vida pareceu mais interessado numa espécie de evangelização do que na literatura. Tolstói investiu espiritualmente e financeiramente na comunidade: foi a sua fortuna e os resultados das vendas do seu último livro *Ressurreição* que permitiram a viagem dos Doukhobor para o Canadá. Os escritos de Tolstói eram a doutrina dos Freedomites. Para Tolstói era nos Freedomites – “os nus” como lhes chamava – que residia a perfeição da humanidade.
- A) Já chega. Mas o que é que isto tem que ver com seios? O nu, quando acontece, é para todos!
- ▲ B) A princípio só as mulheres protestavam exibindo os seus corpos nus. A transformação era total. Passavam de donas de casa a proto-hippies. Exibiam os seus corpos robustos, as suas gordas barrigas, ancas, rabos, seios descaídos pela metafísica da queda, ao lado de homens que protestavam vestidos... Estas mulheres – que podiam ser as nossas avós ou tias de Trás-os-Montes, sempre de lencinho na cabeça, camisas aprumadas de manga comprida, avental, saia rodada muito abaixo do joelho –, exibiam-se nus ao lado das casas que ardiam. São imagens poderosíssimas. Parecem dizer-nos: “Aqui estamos nós, sem nada a perder.” Mais tarde, com a necessidade de aumentar a intensidade dos protestos, os homens começaram a despir-se. Homens e mulheres caminhavam nus, formando um cordão fraternal e coeso de protesto.
- A) Mas espera. Parece-me que ao criticarem uma sociedade materialista, consumista, acabaram por seguir os seus passos. Primeiro, só os corpos femininos são exibidos nus. Quando o efeito já não é mais suficiente como modalidade de choque ou desejo, começam a aparecer os corpos masculinos, nus..
- ▲ B) Não te prendas com pormenores ideológicos. A vida é assim, simples!

Palavra-passe para partir a loiça toda:

VÂNDALOS.





Vândalos

■ A) Nada li de Rimbaud mas sei tudo sobre a sua história amorosa e trágica.

Segue uma rima sobre razão:

“A nossa pálida razão esconde-nos o infinito.”

E claro está, não poderia faltar, uma rima sobre o amor:

“É preciso reinventar o amor, toda a gente sabe.”

Ah, e claro! Há ainda que saber o que Rimbaud nos disse sobre a Vida:

“A vida é uma farsa que toda a gente se vê obrigada a representar.”

Por último, sobre escrita:

“Eu escrevia silêncios, noites, anotava o inexprimível. Fixava vertigens.”

Fonte: citador.pt

▲ B) Muito bem, Rimbaud. E sobre vandalismo, nem uma citação? Sou toda ouvidos...

■ A) Em conversa com um amigo pessoal, Rimbaud manifesta a intenção de abandonar a Europa. “E a literatura?”, pergunta-lhe o amigo. “Não penso mais nisso”, foi a sua imediata resposta.

▲ B) Rimbaud? O poeta maldito abandona assim, sem mais nem menos, a poesia?

■ A) É verdade. Em Julho de 1876, Rimbaud embarca para Java, integrado no exército colonial holandês. Deserta meses depois. Em Abril do ano seguinte, com o dinheirinho da mãe, dirige-se para Viena. Pelo caminho é assaltado e expulso do país. Volta a pé para a sua terra natal. Era um rapaz de ideias fixas e pé nervoso. O objectivo: rumar para Oriente. Em Outubro, atravessa a cadeia de montanhas Voges, em parte a pé, no meio da neve. Em Novembro embarca para Alexandria e daqui para o Chipre. Contrai tifo e volta a casa. Passado o Inverno, retorna ao Chipre. De lá segue para o Egipto, em seguida para Áden, na Arábia, perto do Mar Vermelho.

Diz-se que Rimbaud inicia uma segunda vida quando desembarca em Áden. Em África reinventa-se como um homem comum, preocupado com transações comerciais e viagens de negócios. Quando alguém o indagava sobre o facto de ter deixado de escrever, apenas respondia que preferia “não remexer naquele lixo”.

É agora um jovem empreendedor e, como o que importa é empreender sem olhar para trás, cria a sua própria empresa de tráfico de

armas. Compra armas velhas aos franceses, ao preço da uva mijona, e vende-as cinco vezes mais caras ao rei Menelik, de Choa. O sócio morre e Rimbaud herda-lhe as dívidas.

Nada o demove do sonho de juntar dinheiro para mais tarde poder viver sem trabalhar. No Sudão, organiza caravanas para comprar produtos indígenas. Percorre cerca de quinze a quarenta quilómetros por dia a pé. Resultado: um emaranhado de varizes numa perna. Um tumor no joelho acaba por obrigá-lo a voltar a França. Inicia a viagem de regresso numa padiola carregada por dezasseis negros, através de trezentos quilómetros de deserto. Desta descida aos infernos resulta uma perna amputada mal chega a França. Seguem-se dores e febres constantes. Nos seus delírios balbucia aquilo que a sua irmã diz serem os seus últimos poemas. Ninguém mais os lerá. Morre a 10 de Novembro de 1881. {GRANDE SILÊNCIO}

- ▲ B) Deduzo pelo teu silêncio que admites um vencedor. Não encontro qualquer relação entre esta história e a ideia de vândalos. Rimbaud é apenas um poeta mártir.
- A) Não sabemos quantas viagens fez Rimbaud por África nesta sua tentativa vã de ficar rico para não mais trabalhar. Sabemos apenas que uma certa vez engrossa a longa fila de viajantes ansiosos por deixar a sua marca na antiguidade das ruínas egípcias.
- ▲ B) Ah-ah! Vou ganhar esta jogada, ultrapassar-te pela direita, espera. “Ding Jinhao was here”. A 24 de Maio de 2013, um turista e *teenager* chinês deixou a sua marca em Luxor. Mais tarde, ao visitar um dos templos de Luxor, Shen Yuwen, indignado com a acção do seu compatriota, partilhou uma fotografia numa rede social com a legenda: “Este foi o momento mais triste da minha estadia no Egipto; sinto-me envergonhado”. A fotografia tornou-se imediatamente viral gerando uma onda de indignação à escala da China. Em menos de 24h o criminoso é identificado. Ding Jinhao, estudante de Nanjing. Choveram insultos e promessas de morte. No mesmo dia, a sua família vê-se obrigada a prestar estas declarações: “queremos pedir as nossas mais sinceras desculpas ao povo egípcio e a todos os que prestaram atenção ao caso na China.” A mãe de Ding disse ainda que o rapaz chorou compulsivamente durante toda a noite, profundamente envergonhado com o incidente.
- Mas o povo não perdoa! “O Escândalo de Ding Jinhao” é hoje uma entrada na wikipedia. Antes de me proclamares vencedora, talvez possamos *googlar* para...

- A) Escrever nas pedras de Luxor é uma prática quase tão antiga como o turismo. Conta-se que François-René de Chateaubriand, escritor francês do séc. XIX, não tendo tempo para visitar as pirâmides em 1806, enviou um emissário para que este escrevesse o seu nome por ele. “Temos que corresponder a todas as pequenas obrigações de um viajante devoto.” – escreve Chateaubriand no seu diário. Flaubert, pelo contrário, ficou indignado com estes graffitis durante a sua viagem ao Egipto em 1850:

“Fico irritado com a quantidade de nomes de imbecis escritos por toda a parte.” “Em Alexandria, um certo Thompson, de Sunderland, escreveu o seu nome em cerca de 1,80m de altura (...) Todos os imbecis são Thompsons de Sunderland!”

- ▲ B) Muito bem, muito bem. Mas diz-me: isto é tudo muito bonito e interessante e tal mas... sempre te dás por vencida?

- A) O genial ou maldito Rimbaud prescindiu do Olimpo dos poetas e em contrapartida grava o seu nome na eternidade das pedras dos Templos de Luxor. Com este gesto, inscreve-se no grupo dos vândalos do Património da Humanidade, cujos sócios vão desde os romanos a Ding Jinhao.

Hoje, mesmo ao lado de magníficos baixos-relevos egípcios, podemos ver a palavra “Rimbaud”. O graffiti de Rimbaud é uma poderosa atração turística obrigando os visitantes a uma longa e penosa caminhada debaixo do sol tórrido do Egipto.

Palavra-passe:

o graffiti de Rimbaud...

- ▲ B) ... e assim sucessivamente.

O graffiti de Rimbaud, e assim sucessivamente.

